

## Sentir-se/estar apartado, estabelecer elos: tendências insulares na literatura de Cabo Verde

Norma Sueli Rosa Lima<sup>1</sup>  
Simone Caputo Gomes<sup>2</sup>

*Sentir-se/estar apartado, estabelecer elos*: tendências insulares na literatura de Cabo Verde inaugura na revista *Soletras* um dossiê dedicado às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa com destaque para a Literatura Cabo-verdiana. Cabo Verde, descrito pelo poeta Jorge Barbosa no clássico “Você, Brasil” como “dez ilhas perdidas no Atlântico, sem nenhuma importância no mapa”, ao mesmo tempo que flutua apartado no Oceano, estabelece pontes com o mundo. A concepção de ilha pode remeter para duas interpretações: ilha como isola, centrípeta, gerando sentimentos de apartamento do mundo e de voltar-se para dentro, e ilha como abertura, ânsia de contatos e trocas, possibilidade de caminhos abertos para o mundo.

No caso de Cabo Verde, o arquipélago se situa, no mundo atlântico, entre três continentes, podendo ser entendido como ponte, vocação para estabelecer elos mais amplos do que o existente geograficamente entre ilhas. O conceito de transárea, ou seja, a ultrapassagem do conceito de nação na literatura cabo-verdiana atual, aproxima-a cada vez mais do que denominamos literatura-mundo.

Mesmo nos difíceis contextos que atravessamos, de pandemia e lutos causados pelo novo Coronavírus e, mais especificamente no Brasil, de retrocessos por perdas de conquistas sociais, convidamos pesquisadores a refletir, em treze artigos, sobre a situação insular que supera, em termos existenciais, a condição geográfica, ainda que a ela também se refira. Assim, ainda que a sensação de nos sentirmos isolados seja um passo para nos considerarmos ilhados, a literatura cabo-verdiana ensina ao mundo, com maestria, como estabelecer conexões, mesmo em condições adversas de partidas e chegadas, de emigração constante, de abandonos.

---

<sup>1</sup>Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Professora adjunta do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: normalim@gmail.com. ORCID iD: 0000-0001-6140-2597.

<sup>2</sup>Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professora sênior da Universidade de São Paulo. Membro da Academia Cabo Verdiana de Letras. E-mail: simonecaputog@gmail.com. ORCID iD: 0000-0002-4893-2937.

O artigo de Ana Rita Santiago “Poéticas de desassossegos e encontros de Gloria Sofia e Vera Duarte” investiga a escrita literária das autoras, em insularidades e em movimentos concomitantes de partidas e retornos quando o continente africano é ainda encarado na perspectiva de uma condição estigmatizada e periférica.

Avani Souza Silva, com “O salto do canelinho do imaginário para a literatura cabo-verdiana: da perseguição à argumentação”, convida-nos a enveredar pela literatura para crianças e jovens, espaço de resistência e renovação diante das novas tecnologias que impactam ou fazem renovar as tradições orais do contar histórias, porque nas ilhas, a contação de histórias ainda é prática social.

Geni Mendes de Brito traça uma trilha possível para conceituações acerca da insularidade, a partir de perspectivas teóricas e literárias em “Literatura, insularidade e emigração em Cabo Verde”.

Ildo José Rocha (Evel Rocha), ao unir as pontas líricas de Vinícius de Moraes e Oswaldos Osório em “Correspondências na lírica amorosa de Vinícius de Moraes e Oswaldos Osório” evidencia a capacidade dialógica entre as literaturas brasileira e cabo-verdiana na presença de dois grandes poetas da temática amorosa.

João Luiz Xavier Castaldi e Simone Caputo Gomes trazem em “Insularidade e insolidariedade: a face fratricida da miséria em Famintos, de Luis Romano”, a apreciação de um romance produzido em contexto colonial que retrata a exploração agudizada num contexto de insularidade e de seca prolongada numa colônia de vocação rural.

É ainda no exame do opressivo ambiente colonial que Katria Gabrieli Fagundes Galassi examina, sob a perspectiva da literatura de testemunho, “Desmemórias coloniais: o passado ficou para trás ou é apenas um alheamento conveniente? Uma análise do conto ‘Crônica da Escravatura Ou... os nossos avós estavam lá. De um lado e do outro’”, texto de Dina Salústio sobre silenciamento e abandono.

Também é a escrita salustiana o objeto de investigação de Maria Teresa Salgado em “A insularidade como força motriz na obra de Dina Salústio”, quando analisa as múltiplas acepções e transformações da insularidade partindo de Mornas eram as noites.

Retomando o diálogo entre as literaturas de língua portuguesa, Maria Raquel Álvares Mendes aprecia a obra de Vera Duarte, A reinvenção do mar, estabelecendo aproximações e afastamentos com Estranhezas, de Maria Teresa Horta, tendo como pano de fundo a escrita feminina.

Sávio Roberto Fonseca de Freitas nos convida, no artigo “Cabo Verde no feminino: a ficção curta de Dina Salústio”, a pensar que o amor é a saída de uma maior humanização ao investigar no conto “Sapatos de verniz” o conflito existencial da mulher cabo-verdiana, tendo em mente relações afetivas que também evocam relações com a nação.

E a violência de gênero é objeto do texto de Sinei Ferreira Sales em “Saber viver caboverdianamente: uma analítica do dispositivo da sexualidade em *Na roda do sexo*, de Fernando Monteiro.

Na trilha ainda dos silêncios forçados da violência contra a mulher, Sônia Maria Santos realça, em “Entre gritos e silêncios: a mulher escreve (em) Cabo Verde”, a força feminina pela sobrevivência ao trazer para a cena as obras de Dina Salústio, Fátima Bettencourt e Orlanda Amarílis sob a ótica do cotidiano, da memória e do feminismo.

O artigo “O insituável das transfronteiras em Cabo Verde: Corsino Fortes e Vera Duarte”, de Vanessa Riambau Pinheiro, considera mister expandir o *locus insular* do arquipélago com fronteiras móveis e forte imaginário relacionado ao mar para uma dimensão de transcendência simbólica.

Vilma Aparecida Galhego, no último artigo do dossiê, “A biblioteca como porta de saída e a literatura como ponto de chegada: espaços de abertura e diálogo no romance *No Inferno*”, traz à cena a obra de Arménio Vieira, na perspectiva da dobra estar-se apartado e, ao mesmo tempo, estar no mundo, na senda das reflexões contemporâneas acerca da literatura cabo-verdiana como literatura-mundo.

O dossiê traz, ainda, uma entrevista inédita com Vera Duarte, realizada pelos integrantes do Grupo de Pesquisa UERJ-CNPq Brasil Cabo Verde: Literatura, Educação e História.

Boa leitura!